



A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO PARA A FAMILIA

Nº 17

15 de Setembro de 1884

XIIIº Anno

PREÇO DA ASSIGNATURA
BRAZIL:

CORTE, um anno 12 \$000
PROVINCIAS, um anno 14 \$000

EDITORES-PROPRIETARIOS:
LOMBAERTS & COMP.

Agencia Geral para Portugal:
Livraria ERNESTO CHADRON - Porto

PREÇO DA ASSIGNATURA
BRAZIL:

CORTE, um anno 12 \$000
PROVINCIAS, um anno 14 \$000

CHRONICA DA MODA.

Venho hoje da melhor vontade fazer reparação a uma injustiça

cometida para com as pessoas vivas longe da capital; a rido das senhoras vestidas bonitas, mas os menos como as ricas, tendo muitas dellas realizado os lindissimos modelos desse jornal; porém devo criticar o gosto das brigas vistosas e não estabelecerem uma harmonia perfeita entre as diferentes partes da toilette.

Os richelieu das toilettes de cammim passaram a ser muito gente e a reproduziram sem ao menos com isso um perfeito conhecimento; nas unhas, nas prunas, por toda a parte tudo verifico, salvo raras excepções, a perfeita distincção e bom gosto das senhoras. Bastante porém algumas observações a fazer; em primeiro lugar quanto se de trinar, deve estar muito bem dissimulado, e não fazer parte da toilette, nem que se não use de modo muito accentuado ou calhudo de modo a ludo até aos quadris, e vestidos rodados ou com pesada gola devem sempre ser concebidos interiormente por uma maneira, a qual não deve nunca sair a não da beira da saia.

Nas toilettes de passeio, os collares e os punhos são substituídos por raches ou plissés de renda, e as fitas, collarinhos-flechas, e enfim as mil fantasias que tanta frequência a nosso jornal reproduz. Um dos maiores erros consiste em sobrecarregar os ornamentos, flores, plumas, etc., as capotas quasi intermináveis e chapéus rodados, de renda e seda.

Porém seja permitido dar-lhe um conselho; quando se não estiver em viagem, é necessário ser extraordinário e de mau gosto não estiver em relação com a situação; e quando se não estiver para ignorar que se não deva evitar este espedalho de fantasias, e de mau gosto, e de mau gosto.

Quanto a esta chronica, falo-lhe a pedido de innumerables famílias, dos trajos para as quaes consagra a grande parte dos desenhos e do numero do mesmo jornal. A moda não muda para os tempos das renaissances; já se vêem muitas vezes tomas phantasias de enxoval, que se vêem muitas vezes esperando as futuras e cujas objectos se vêem sempre a m-

Até a dez mezas a creança usa vestidinhos compridos, com hombrias de mangas. Quando começar

a ter-se em pé deve o vestido calhar até ao tornozelo, diminuindo pouco a pouco em comprimento, porém usando de vestidos curtos só aos dois annos.

Des permitir adormecer nes braços; aos dois annos marido de elapous rodados, de palla, foltro ou velludo, conforme a estação, ficando desde então

livres do costume, por assim dizer classico. Desde essa época permite-se toda permittir a garridice das unhas, as unhas poderão empregar mil excentricidades, porque até a idade de doze annos as meninas são francamente umas verdadeiras bonecas. Flores, plumas, fitas, folhos de todas as cores, são permitidos, trajando com uma verdadeira elegancia os lindos paniers, os punhos arregaçados e as sobremanas talladas pelos mesmos motivos que os da mão.

Quando se chega aos doze annos a toilette torna-se mais seria; a mãe pensa na primeira communhão que está próxima; a saia faz-se mais comprida, e o corpinho mais afogado, com mangas compridas, apertadas, mostrando um talhe delicado, um pouco embaraçado e estes primeiros trajos mais serios. Os collares são entrançados, levantando-se as madeixas. Diz-se mesmo as meninas que a garridice e um defeito muito feio, e que ellas não comprehendem, visto sempre a terem acostumado ao contrario.

Como somos logicos neste mundo! Apenas uma menina abre os olhos, cobrimola de bordados e de rendas; apenas pode ella distinguir os objectos, que nos apressamos em mostrar-lhe a sua propria imagem. Que ludo! que honra! como é elegante! Nada ha que seja bastante bom e bastante caro para o querido thesouro. Todos os parentes, todos os amigos esmeram-se em desenvolver neste fragil ser todos os instinctos da garridice. Mais tarde e quando ja ella pode julgar por si mesma, cobrimola de velludo e de seda, escolhemos para ella chapéus com compridas plumas dos leitões os mais extravagantes; depois sem transição quando se approximam os 12 ou 13 annos, dizemos a essa creança ja virada e que falla em toilettes, que lhe será necessario para o futuro ser mais modesta, recomendar-lhe um dia para o outro a tudo o que lhe havies ensinado a estuar até então.

Certo pois minhas caras leitoras, não ser extraordinario se as meninas não approvarem este racocinio tão novo para ellas; recomende a esse systema d'educação. E principalmente com as creanças que devemos sempre ser logicos.

Terminado hoje esta chronica que ja va longa, aconsellho as minhas leitoras estarem quanto possível a lembrar as creanças desde tenra idade, esse grande defeito de que acima fallamos; bastara para isso consultarem os numeros do nosso jornal que sempre tem trazido e traze, toilettes appropriadas a todas as edades das creanças.



1. e 2. Costume sem corpo nenhuma. 3. e 4. Dous costumes de touristes, ou para excursions. 5. Costume sem a gola e saia dupla. (Para o modo do corpo, ver fig. 360 a 365, A a E.)

Com o vestido mais comprido, usa a creança da toilette meio justa com pequena mureta, o grande paletto direito, cruzado, quando o tempo estiver frio. As capotas coroadas são o tocado proprio para as creanças enquanto a sua idade



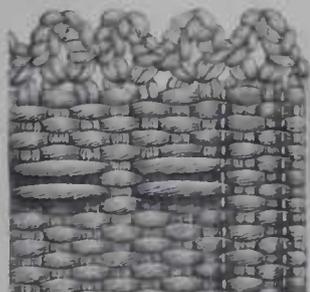
6. Costume para mulher nova. Modelo costado de sopra e descriptivo suppl. Verso, N.º XVI, fig. 87 a 89.

com galho do mesmo matiz; collarinho alto e reverso sobre o peito. Reversos em baixo das mangas. O costume, desenho 2, é completado por um chapéu tirolez, de feltro, de espi alta, rodeado de uma fita larga e guarnecido de lado com uma pluma, fixada por meio de uma fivela de prata. O desenho 1, de feltro e de forma menos alta e cercado por um largo velludo e guarnecido de um tufo de cordões de prata fixados atraz, comprido vou, de gaze de seda.

3. Costume com calça e saia dupla. Para o molde do corpo, vide em X, desuppl. Verso, faz-se de fazenda de lincoln, formando um pequeno cordãozinho em vez; a saia de caudamine azul ferrete e corcova por um plisse de 15 cent. de altura; a calça, da mesma fazenda e pefurada por baixo do joelho por meio de uma tira abotoando de lado. A segunda saia tem 290 cent. de roda; guarnecce-se com tres pregas espontadas, a ultima formando bainha e abotoando sobre uma parte plana de 44 cent. de largura, a qual forma avantal na frente. O corpo blusa disposto sobre um firme justo, ajusta-se no talhe por meio de um cinto; a jaqueta bellhada pelo molde N.º de supplemto, verso, abotoa no pescoço e encerra-se com um galho largo; os pespontos fazem-se com torçal.



11. Saia arregaçada com cauda acrescentada. Frente de desenhos 12 a 14. Modelo: suppl., Facs, N.º IX, fig. 40 e 41.



16. Boloetas de costura, para o sapato de costura. Modelo: suppl., Facs, N.º IX, fig. 40 e 41.

1 a 3. Dous costumes de touristes, ou para excursões.

Emprega-se para estes costumes, uma especie de fazenda de lincoln ou pesada, macia, flexivel e solida, que se guarnesce com pespontos de retroz, vicios de fazenda egual, galhos, etc, formando uma guarnição pouco volumosa, com pequenos botões de metal ou de corcova de mesmo cor que o tecido, cinzento, castanho, azul, cor de bronze ou verde. O saio e a calça egual são muito praticos para estes costumes ao mesmo tempo leves e macios.

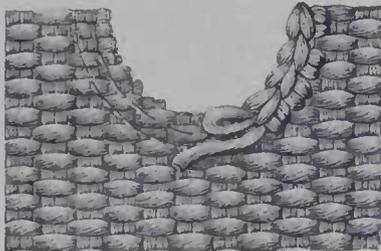
1 e 2. Costume com ruypa-jaqueta. (Molde: suppl. Verso, N.º X, fig. 50 a 55, A a L.) Os mesmos desenhos 1 e 2 mostram a frente e as costas d'este costume, de fazenda cruzada; a saia e colorida com folhos pouco fartos, de 10 a 12 cent. de altura, com uma tancia arregaçada, muito curta na frente e calind atraz n'um puff plisse. A jaqueta meio justa, encruza na frente e fecha atraz por meio de uma dupla cordão de botões; faz-se do panno de bronze, corcova, corcova-



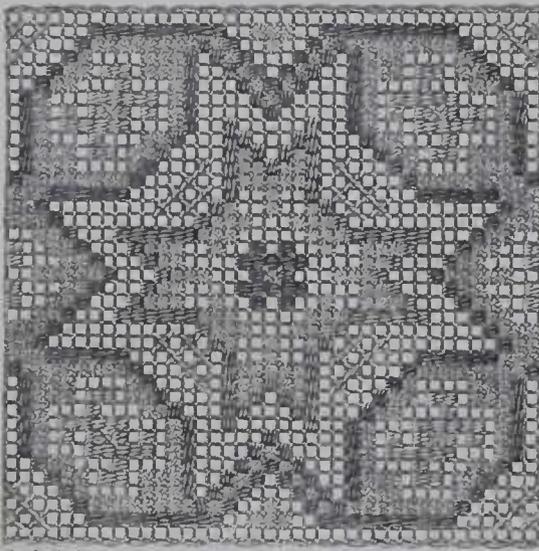
4. Cercadura. Bordo de sair. Vê-se o quadrado de seda e o modelo tipo: suppl. Facs, fig. 47.



8. Sapato de passeio com fivela e cordão.



10. Exercição da costura da sola da manga, para o vestido, desenho 18.



5. Quadrado de rede guipure, para a cercadura, des. 4. Vê-se o modelo tipo: suppl. Facs, fig. 49.



9. Sapato de passeio guarnecido com suturamento de renda.



11. Saia arregaçada com cauda acrescentada. Frente de desenhos 12 a 14. Modelo: suppl., Facs, N.º IX, fig. 40 e 41.

13. Interior da cauda, para a saia, desenhos 11, 12 e 14. Modelo: suppl., Facs, N.º IX, fig. 40 e 41.



15. Cercadura. Bordo de sair, para roupa de noite. Vê-se o desenho 66.

mesmo com um laço arredondado e laço de diferentes matizes d'outra cor.

4 e 5. Cercadura. Rede de côr.

Vê-se o modelo tipo: suppl. Facs, fig. 47.

A cercadura de rede, desenho 4, consiste n'um antigo trabalho de côr, podendo fazer-se com algodão branco. O desenho 5, mostra em tamanho natural, uma parte do motivo reproduzido conforme a fig. 49 do supplemto. Faz-se o fundo faz-se com torçal azul perrete, e a bordada a ponto serizado de um matiz mais escuro que o duplo ponto d'espi; o ponto cruzado faz-se com fio d'ouro.

8 e 9. Dous calçados para toilettes de passeio.

O desenho 8 consiste n'um sapato Molere muito comodo, fechando por baixo da fivela e do laço por meio de um cordão introduzido na cercadura formando veredilha; o tacão, pouco alto e pouco abanizado assenta perfeitamente a pé. Tambem se poderia fechar por meio de botões cruzados de lado. O sapato, desenho 9, com taccoz Luiz XV e mais elegante; faz-se de pellica glace e guarnesce-se com um entorse de seda collocado em transparente; um cordão de seda amarelo, com borla, aperta o sapato e ahi se fecha.



7. Costume para mulher casada, com saia nova. Modelo de frente do costume, verso, des. N.º VIII, fig. 35 a 37.

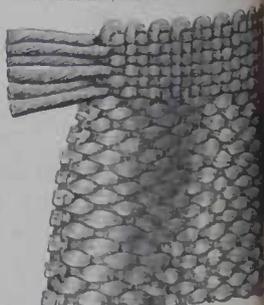
11 a 14. Saia arregaçada com cauda acrescentada.

Modelo: suppl., Facs, N.º IX, fig. 40 e 41. Esta elegante disposição é muito pratica para...



12. Saia arregaçada. Costas de desenhos 11, 13 e 14. Modelo: suppl., Facs, N.º IX, fig. 40 e 41.

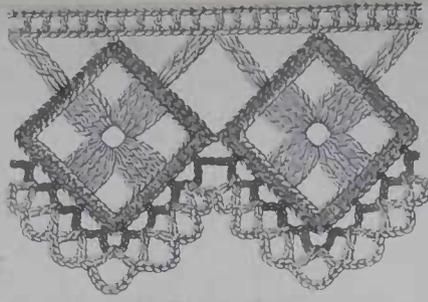
altura dos lados; os folhos de renda arremocem e avental, tem 8 e 10 cent. de altura sendo pouco espaçados. O desenho 11 mostra o interior da cauda, e o desenho 14, plisse na cintura provido de botões, que a fixa sobre a saia e os botões correspondentes, a mais ou menos, esta cauda tira-se...



15. Cercadura. Bordo de sair, para roupa de noite. Vê-se o desenho 66.



34. Cabeção para menina. Crochet. Vide a renda, desenho 33



32. Renda de côr. Crochet



29 e 30. Cabeção colado e punha para menino. Molde suppl. verso. No XII, e XV, fig. 84 e 85



28. Pala de camisa



36. Camiza com pala arredondada, para menina de 4 a 6 annos. Molde suppl. Verso. N.º XV, fig. 73 a 75, 6 a 10



35. Vestidinho de descrição. No P a 2, costura



44. Camiza para menino de 4 a 6 annos. Molde Suppl. Verso, N.º XVI, fig. 76 a 80, 11 a 20, estrellas, ponto dobrado, prugas 5.



41. Corpete com sala, para o costume, dos 60 e 81.



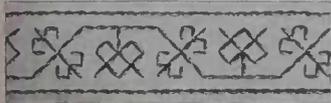
39. Vestidinho com cabeção-murra, para menina de 6 a 8 annos



46. Calça guarnecida com prugas, para menina de 5 a 7 annos. Molde e descrição suppl. Facs. N.º III, fig. 10. T a W, estrellas, 1 dobra.



45. Salote com corpinho, para menina de 3 a 5 annos. Vide o texto.



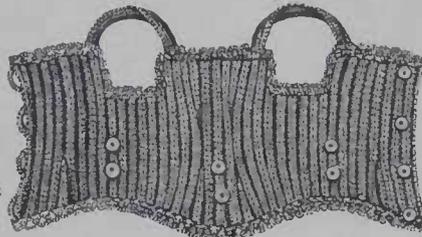
50. Cercadura, bordado leve, para guaranição de roupa de criança. Vide o desenho 60



61 a 59. Vestido de menina. Molde e descrição suppl. Facs. N.º VIII, fig. 38 e 39



60 e 61. Costume com blusa plissada, para menina de 12 a 14 annos. Vide o desenho 41. Molde e descrição suppl. Facs. N.º VI, fig. 13 a 26, g a z, estrellas, ponto dobrado, cruz, ponto.



52. Espartilho de crochet, para menina. Vide as pontinhas em execução, desenho 18.



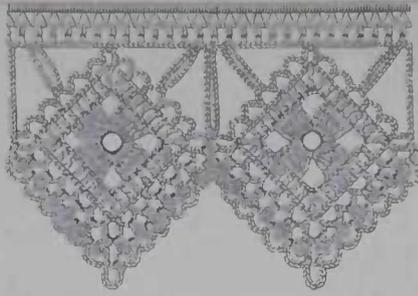
54. Camiza de menino, com pala arredondada, para menina. Molde para do 11 a 13 annos. suppl. Facs. N.º 5, fig. 15 a 17, a a f, estrellas.



56. Cercadura



31. Cabeção à maruja, de malha, para menina. Molde suppl. Verso. N. XVIII, fig. 31.



33. Renda do erchet, para o cabeção, desenho 31.



37. Camilha de dormir com pala plissada, para menina de 10 a 12 annos. Molde e descripção suppl. Facs. N. IV, fig. 11 a 14, x a z, ponto, estrolla, ponto dobrado, cruz.



40. Vestidinho blusa com reversos, para menina de 5 a 7 annos.



42. Meia de duas cores, para criança. Tricot. Visto riscado com abertos, dos. 22.



35. Cabeção à maruja, para menino. Para o molde vide o N. XVIII do suppl. Verso.



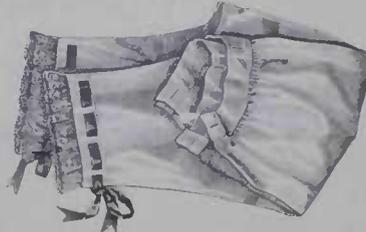
43. Garnição para calça. Tricot. Vido a renda desenho 75.



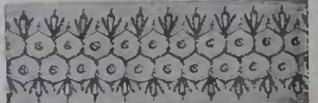
45. Camilha descolada, para menino de 2 a 4 annos. Molde suppl. N. XIV, fig. 71 e 72, 1 a 4, estrolla.



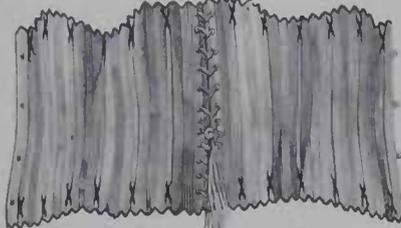
49. Vestidinho para criança de 1 a 3 annos. Tecidura de mão e erchet. Vido os desenhos 10, 15 e 17.



47. Calça fechada do lado, para menina de 10 a 12 annos. Molde e descripção suppl. Facs. N. III, fig. 10, 7 a W, estrolla, 1 dobra.



51. Cercadura. Bordado leve para garnição de roupa de criança. Vido o desenho 33.



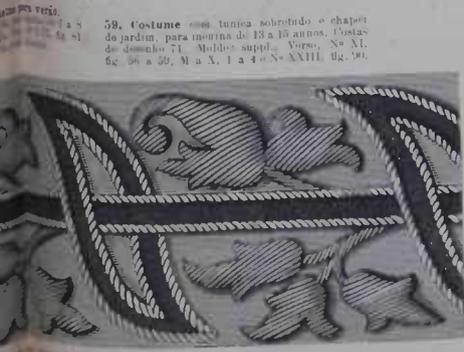
53. Espartilho com arnações e barbalanas, atecendo atrás, para moçina.



55. Camilha de dormir com guarnição com plissas, para menina. Vido as ornaduras bordadas, desenhos 30, 31, 15, 70 e o texto.



62 e 63. Dois costumes para meninos de 2 e 11 annos. 62. Costume com blusa descolada. Molde para de 2 a 4 annos suppl. Verso, N. XII, fig. 60 a 61, a a s, estrolla. 63. Costume com jaqueta. Molde para de 9 a 11 annos suppl. Verso, N. XIII, fig. 65 a 70, estrolla, ponto dobrado, cruz, ponto.





de barretas de algodão branco, e pó da renda e azul e as
rendas são aguçadas por duas tiras barretas dispostas como
o modelo e como desenhos.

33 a 35. Dous cabeções para creanças.

33 e 34. Camisã 55 para menina. Crochet.
O desenho 33 mostra o aspecto d'um lapilissimo en-
laidado para menina, composto de entranças de
cristallo aguçado por meio de fitas brancas, arredado
com renda brancas e azul e de desenhos
verdes. Para arredar um e outro, façamos á
parte os ribombos que se principiam
sobre um anel de 10 m. no ar, cor-
rendo por 1 cent. de 7 d'outras barretas
verdes por 7 m. no ar. As duas
voltas que seguem serão facilmente re-
pellido pelo desenho 35. Para o outro,
mostra, seguindo os ribombos
com as duas voltas de m. no
ar, por o nome modelo mostra,
e para a renda, completa-se
e ornamenta por meio de duas
voltas de dentes, m. no ar o
m. apertadas com pontifinas
ampliadas. Uma fita introdu-
zida em serredão numa linha de
cristallo, fecha o cabeção até ao alto.

35. Cabeção á menina, para
m. no ar. Para o modelo, vide o
No XVIII do supplemento. Este
modelissimo cabeção, faz-se de setim
entrançado, tem 30 cent. de largura e
guarnição de um volt. com uma tira de
setim, azul fúsculo, redonda á 11 cent. da
laxa. Uma tira do setim azul de 1 cent.
de largura e 35 cent. de comprimento ata-se
em forma de gravata á diante e o cabeção fecha
por meio de um laço.

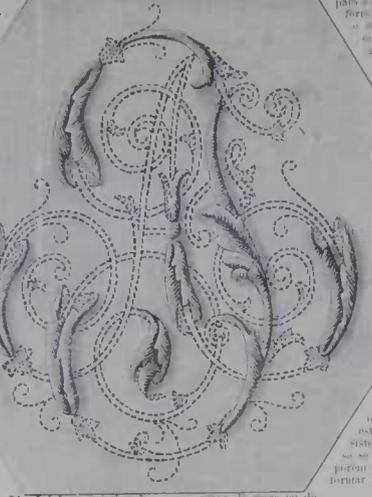
36. Camisa com pala arredondada, para menina, de 5 a 8 annos.

Modelo suppl. Ver-
so, No XV, fig. 74.
A 73, 3 a 10.

39 e 40. Dous vestidinhos para meninas de 5 a 8 annos.

39. Vestidinho com gola plissada. A frente e as
mangas d'este vestidinho, fazem-se sobre um ferro de
madeira superior franzida em pontos e ornada na outra e
pósses em comprido bem como a alex. brava, ornada com po-
das curvas e calado como se fosse um segredo
feito em uma da sua plissada com grandes pregas.
Este vestidinho alissa adentro até ao talho, manga
empolada, aberta em baixo. A manga, de frangido
igual, acalada por meio de três peças romba faz-
se sobre 16 cent. de altura e guarnição com renda
branca e azul, tem 30 cent. de largura dos hori-
zontes da renda, e plissada de uma até abaixo e cor-
deira no pescoço. Lazo de fita para segurar a burca
e laço de fita para o cinto.

40. Vestidinho branco com reversão. Como



64. Inleças entrelaçadas, para roupa de menina ou de
criança. Ponto cruz.



42 e 22. Meia de duas cores, para creança.

Triet.
O desenho 22 re-
produz em tamanho
natural o modelo de
Triet. de duas cores,
com aberturas para a
mão de criança, de
sobre 12 centímetros
por uma linha e tri-
ent. de comprimento para a
ponta um cascado de
avesso de uma cor e de
outro cor do lado direito,
este ficando sem aberturas
sobre a mão n. ornada como
se se guarnição feita em apertado,
para ser usada depois de lavada
por uma das mãos.

43 e 75. Guarnição para calça.

Triet.
Faz-se esta
guarnição
de calça
de croché,
atransada, e sobre um
lado de
três a três
reproduz em tamanho natural, mas sobre
duas cores, todas as delicias são representadas
que se tem a utilidade exp. de
também guarnição para esta roupa, sobre a
ponta.

44 e 45. Dous camisas para menino de 5 a 8 annos.

44. Camisa brava para menino de 5 a 8 annos.
Modelo suppl. Verso, No XV, fig. 74. A 73, 3 a 10.
ponto dobrado, pregas e 1. O corpo da
camisa é de um lado com o outro que forma a
guarnição, com duas pregas em um só lado
sendo se fazem as mangas. Nesta camisa se
faz de ponto, fig. 80, visto que se guarnição
faz-se que se ornada com fita de um lado.
A tira de mangas, brava, talha-se por 10 cent.
45. Camisa de croché, para menino de 5 a 8 annos.
Modelo suppl. Verso, No XIV, fig. 71 e 72, visto que
sobre a camisa o modelo de croché se faz sobre



67. Banca para pernas, guarnida com bordado italiano. Vilo a tira bordada desenhos 33 e a corrediça. An. 70.



68. Tira bordada. Bordado italiano, para a banca, desenho 67.

13

50.

60.



69. Cercadura para menina de 3 a 5 annos.

16 e 17. Vestidinho para creança de 1 a 3 annos.



18. Dous espartilhos para meninas.

Espartilho de crochê. O espartilho faz-se de crochê, com 11 costuras para...



73. Fára-fogo. Bordado de crochê.

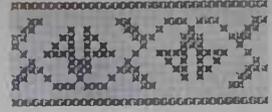


54, 55, 50, 51, 15 e 70. Duas camizas de dormir para meninas.

11. Camiza com palarete. Bordada a mão para meninas de 11 a 15 annos...

14. Espartilho de ataxona, bordado por meio de fitilla.

15. Tapete. Bordado de crochê. Centro de crochê.



70. Cercadura a ponto de crochê para menina de 3 a 5 annos.

Este vestido faz-se de crochê, com 11 costuras para...

56. Cercadura. Bordado com applicações.

Este vestido faz-se de crochê, com applicações de...

57 a 59, 7 e 71. Toilettas para verão.

57 e 58. Costume com espartilho. Para meninas de 11 a 15 annos...

72. Costume com blusa para menina de 8 a 10 annos.

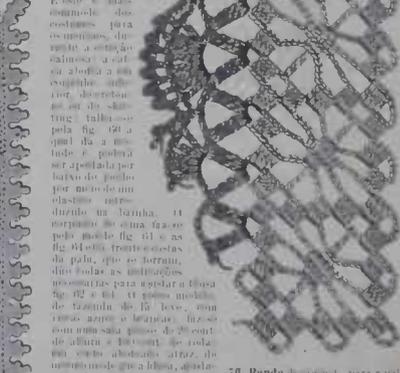
Este costume faz-se de crochê, com blusa e saia...

59 e 71. Costume com blusa sobre espartilho.

Este costume faz-se de crochê, com blusa e saia...

62 e 63. Dous costumes para meninas.

62. Costume com blusa e saia. Bordada a máquina...



76. Borda de crochê para a pala de camiza, bordada a máquina.

63. Costume com blusa e saia. Bordada a máquina...

77. Tapete. Bordado de crochê. Centro de crochê.



Pl. 581.

1884, Nr. 17.

A ESTAÇÃO.

Jornal ilustrado para a família

Edição para o Brasil.

Perfumaria de 1ª Qualidade — Guerlain, Rue de la Paix 13, Paris.

LITTERATURA

O CASO DO ROMUALDO

Um dia, de manhã, D. Maria Soares, que estava... desatendendo de non baile para ir a outro...

... Carlota entrón. Ao pé nua da outra pareciam... a dona da casa era, talvez, um pouco mais...

... Vité chegou muito a propósito, disse a viuva... Carlota; vamos fallar de hontem... Mas que é...

Na verdade, a cara de Carlota trazia impressa... uma tempestade interior; os olhos faiseavam, e as...

Custa dizel-o: ambição politica. Vieira quer ser... deputado por um districto do Ceará, e Romualdo...

— Mas, Carlota, dizia elle á mulher, repara que... é a minha carreira. Romualdo é trunfo no districto...

Carlota não dizia nada; torcia a ponta de uma... franja.

— O que é que achas nelle? — Ache-o antipathico, aborrecido...

— Nunca trouxeram mais de oito palavras, se... tanto, e já o achas aborrecido?

— Tanto peor. Se elle é aborrecido calado, imagi-... na o que será fallado. E depois...

— Bem, mas não podes sacrificar-me alguma... cousa? Que diabo é nua ou duas horas de constran-

Vieira gastou uns dez minutos em saucudir deante... da mulher as pompas de um grande cargo, nua...

— Ouvin bem? O tal seu amigo persegue-me... com os olhos de mosca morta, e das oito palavras...

Vieira ficou alguns instantes sem dizer nada;... depois começou a mexer com a corrente do relógio...

a reputação parlamentar, a influencia, um mini-... terio... Tudo isso attenção a primeira impressio.

— Póde ser que você se engane. As moças bonitas... estão expostas a serem olhadas nunita vez por...

Carlota sorriu com desdem. — As palavras? disse o marido. Não podiam ser... palavras de comprimento? Podiam, de certo...

E, depois de um instante, como elle visse persistir... o ar desdenhoso:

— Inro que se tivesse a certeza do que me dizes,... castigava-o... Mas, por outro lado, é justamente a...

Carlota deixou-o fallar, á toa. Como elle insistisse,... ella prorompeu e disse-lhe cousas duras. Estava...

Hão de perguntar-me como se explica que, tendo... medeado algumas horas, entre a briga e a chegada...

(Continúa.)

MACHADO DE ASSIS.

CASAS FREQUENTADAS Pela Aristocracia FRANCEZA e BRASILEIRA ESPARTILHOS Mesdames DE VERTUS Irmãs

O Pedal Magico... Pedal Magico!... Este é o Pedal Magico!

EXPOSITION UNIV 1878 Medaille d'Or Croix de Chevalier LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES PERFUMARIA ESPECIAL LACTEINA E. COUDRAY

Semolina NOVO ALIMENTO RECONSTITUINTE Composto PELOS do Mosteiro RR. PP. Trapieiros DE Port-du-Salut

Hoje não vou!

Minha adorada Bertha,

Ante-hontem, a despedida, para te consular e enfiar as lagrimas que começavam a bailar em teus olhos, prometti que iria vêr-te hoje e levar-te um cartucho de amendoas para repartires com as tuas amiguinhas, das quaes me dizes tanto bem

Mas, minha querida filha, parece que o acaso gosta as vezes de dar por terra com os castellos que constroem as mãos extremosas, como eu, e as filhas cheias de mimos, como tu.

Imagina que, quando cheguei a porta do collegio, passava um bond litteralmente cheio; teria de esperar mais alguns minutos, si não fosse a gentileza de um cavalleiro que

me cedeu o seu lugar. Abençoado os cavalleiros que cedem o seu lugar nos bonds ás immoensidades que tem pressa.

E, no entanto, vò como é desagradecida a natureza humana; no cabo de dez minutos de viagem, quasi amaldiço o obscuro cavalleiro e quasi faço signal ao conductor para mandar parar o carro.

Não o fiz, contudo, porque tinha pressa realmente, porque a distancia percorrida era pequena e porque teria de me lembrar muita gente.

En estava sentada entre dois passageiros, e o meu visinho da esquerda, que era um homem de quarenta annos, bem trajado, provavelmente empregado publico de alta categoria ou director de alguma companhia, pag talvez de dias meninas loiras e frenteadas, como a minha Bertha; o meu visinho da esquerda, em vez de ler uma folha, de fumar um charuto, de contemplar o mar, que nos offerece sempre um espectáculo

admiravel, limitava-se a matar o tédio da viagem com o horror! — rindo as nuvas

Não reochoo vicio de educção tão desprezível como o de estar em contacto com pessoas accedidas. E o meu visinho é que esse individuo que reia as minhas das mãos, talvez para cultivar com todo o esmero a uida do dedo meião, tallada em forma de amendoa, grande... Pela mão das minhas haverá Jesus e Benjamin?

O resultado dessa penitencia inumerada foi que cheguei á casa com uma enxaqueca formidavel, que me metteu em estado sedativa, ao camphora, ao vinagre, ao repouso, nos caros de teu pai; uma enxaqueca impertinente que me perseguia hontem todo o dia e que ainda hoje me queima a testa com uma estrella dolorosa.

Hoje não vou, hoje não posso levar-te as amendoas. Em todo caso, ha uma compensação ha sempre uma



pensação para tudo); si perdes as amendoas e a minha visita, ganhas uma excellente lição que, espero, aproveitarás.

Até sabbado. Mil beijos e saudaes de tua mãe e primeira amiga,

CAROLINA D.

POESIA

MAZEPPA

Away! Away!
Byron.

Na auea bruta do tactaro cavallo,
Vede-o! he via na rapida carreira,
A brucea solavanco e ruído abalo,
Pelos campos da Ukrania a toda a brida.

Corre, vò o corcel! nem ha animal-o!
E a campina, a floresta emgreçoada,
Chama de lobos, a corrente, o vallo
Carta o criza na suaia enfurada.

Quantos, como o pello, arrebatados,
Levo o ginete aveloz do pensamento
A' garupa sanguento pendurado!

E em vão feroçam por suster cum os lompas,
Entre o ar que assavia e a firmimenta,
O incansavel corcel de alados passas!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

VARIEDADE

ERROS E PRECONCEITOS

O burro. — Este util animal, não obstante tudo o que os naturalistas escreveram em seu favor, é ainda hoje desprezado e calumniado.

O burro tem a sua origem na Arabia. Quando goza da liberdade ou quando é bem tractado no estado de domesticidade, tem a cabeça alta, o pello suave e luzidio, os olhos cheios de fogo, a attitudo altiva e não destituída de certa graça. Não é menos intelligente que o cavallo, e o é muito mais que o boi e o carneiro. E, afinal de contas, um animal inoffensivo, sabio, paciente, laborioso, e que nos presta grandes serviços. Accusam o burro de ser indolente e vingativo; mas esses vicios provam em grande parte do estado de degradação em que as vezes cae, dos maus tractos que lhe damos. Erradamente, fizeram do burro o symbolo da tolice e da obstinção estúpida.

ANIMAS FABULOSAS — Compreendemos deliaço desta denominação, certos seres imaginarios, cuja existencia era admitida pelos antigos, e aos quaes attribuíam propriedades extraordinarias. Assim, acreditavam na existencia das centauras, monstros semi-homens e semi-cavallós; na das sereias, metade mulheres e metade peixes; na das sphynges, bestas de mulher e corpo de leão; consideravam como verdadeiras outras tantas creações singulares e de ficções poeticas. E certo que toda a antiguidade acreditou na phénix, o passaro de uma belleza maravilhosa, dotado de immortalidade, ou antes da facultade de renascer das proprias cinzas.

Os antigos não se mostravam menos credulos em relação ao pretendo poder do basilisco. Na opinião deles, esse lizo era um reptil que nasce de um ovo de gallo (ha muita gente que acredita nos ovos de gallo). Admittiam igualmente a existencia dos griffos, quadrupedes alados que participavam da aguiça e do leão, e estavam encarregados da guarda dos thesouros; a do dragão, serpente alada que representa um papel na historia do Tosão de ouro. Tão esses animaes, como a chimera, que os resume no seu monstroso, não são mais que seres ficticios e allegoricos creados pela imaginação dos poetas.

Os naturalistas tomaram a essa lamma mythologica nomes de alguns desses monstros. Foi talvez um erro, em geral os animaes a que foram applicados não se pòem comparar com os descriptos pelos auctores antigos.

Não é preciso remontar muito além dos nossos dias para descobrir narrações de viajantes que attestam a existencia de monstros maritimos com esta lamma, descripta, e, então, e nos quaes a imaginação sobrecitada pelo mar imprestou dimensões extraordinarias.

A muitos animaes o vulgo attribui propriedades maravilhosas, que se não podem admitir.

ANIMAIS ITIS E PERICULOSOS — As sphynges, os centauros, as antipathas para com os animaes são, em geral, pouco fundadas, e provam muitas vezes da sua falta de graça ou do seu aspecto repulso.

Muitos animaes são proscriptos como perigosos, e deveriamos, ao contrario, protegê-los, tais são os escorpões, certos passaros, as aranhas e os medusas. Muitos animaes são para o homem úteis auxiliares que a Providencia lhe deu, além de o livrar das numerosas espécies que a

que murmurando directamente, quando m seus provisões. Algumas depois de terem feito uma guerra de as teopiras, viuam-se obrigados a des por bom dinheiro para destrair e se produziam dânnos intâlenáveis.

ANIMA DOS ANIMAES. — Os animos, os dinnitios, são geralmente mais do que supponios, e ha até em al- to grau de sensibilidade. O burro nada de estapido; o porco não é mais do que outro qualquer animal; o ele- ante vivamente uma injuria, e não a facilmente; o cavallo de guerra com- e executa as ordens militares; o cão, fido do homem, é capaz de rasgos su- e muitos homens não fariam o que fi- em estes cães.

Quando vemos isto, para que possamos os animaes no seu justo valor, e não tratemos nunca por prazer; porque é um barbaridade.

ANOS CLIMATERICOS. — *Climas* é uma pa- grega que significa *escala, intervalo* graduado. Chamam-se *annos climatericos* que se succodem de tempos a tempos, como em sete, de nove em nove annos, etc. O povo popular considera-os como cri- que passam por trazer uma mudança, na saúde do corpo, mas ainda a fortuna não social. Os annos septenarios são armente temidos. Certas pessoas crêem em sete em sete annos o corpo humano uma revolução tão completa, que deve



resultar dahi uma crise perigossima para a saúde. Estes idêns, admittidos pelos medicos da velha escola, têm o grave inconveniente de impressionar as imaginações fracas e inspirar-lhes terrores que, regendo sobre o organisino, têm muitas vezes realisado predições absurdas em si mesmas.

Estudos serios demonstraram que os annos climatericos não são mais para temer que os outros, e que os homens não mudam de natu- reza nessas epochas.

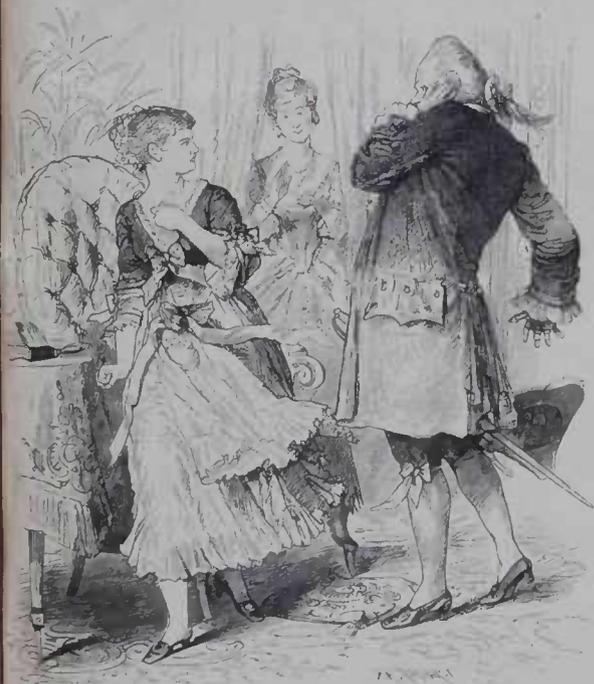
O corpo segue a lei normal do seu desenvol- vimento e da sua decadencia: eis tudo. Ha momentos na vida em que soffre, é certo, certas molificações inevitaveis, taes como a dentição, a barba, os dentes do sizo, etc; mas esta epocha varia, segundo os climas e os indiv- duos, e até na familia.

Varias vezes se têm feito calculos sobre a mortalidade em diferentes edades, e os annos climatericos nunca apresentaram um numero de obitos superior ao dos outros annos.

A. R.

LIVRINHO DE FAMILIA

Modo de limpar o velludo.—Esta fazenda perde o lustro e brilho por effeito da fricção inevitavel no uso. Pode-se restituir ao velludo a sua frescura e maciez primitiva, molhando-o do lado avesso e expondo-o em seguida por cima de um ferro quente sem que este o toque. O calor vaporisa a agua e esta, sob forma de



atravessando o tecido separa e suspende as fibras em- bora em abatidas umas sobre as outras. Basta, termin- a operação, de lavar sempre ao ar livre.

Para a picada dos mosquitos.—Com os calores que em muitas pessoas têm de soffrer as insupporta- biles das mosquitos e berrachudos, a que nem quem em cicadas, não é pois inútil dar-lhes a conhecer *casia amara*, producta este barato e facil de se- ar, applicado no ponto picado constitue excellente re- se. Lavar-lhes o rosto e os mãos com agua de quassin e os malfazejos insectos não vos morderão.

MOSAICO

Quando abandonamos com dignidade aquelle que se afasta de nos, ficamos mais airozos que o que nos deixa.

MME DE STAEL.

Contentar-se com fallar sempre de amor é um pobre meio. Si as palavras agalham as mulheres, são os factos podem convencel-as.

OVIDO.

A causa do amor é um não sei que, cujos effeitos são incriveis. Eu não sei porque uma coisa tão pequena que quasi ninguém a conheceria, move toda a terra, os príncipes, os exercitos, o mundo inteiro. Si o nariz de Cleopatra fosse mais pequeno, teria mudado toda a face do globo.

PASCAL.

Não é preciso queimar a mulher que adoramos para nos couvencermos que do mais bello idolo só resta por fim um pouco de cinza.

STAIL.

VARIEDADE

OS JURAMENTOS DE PEDRO

G. SELLERS

VI

— Há dez annos vivia no burgo de Santa Suzana, e toda a noite, depois, um jornalista muito conhecido pelo nome de *Garrafeira*.

— As suas camaradas deram-lhes este appellido por causa de uma desgraçada paixão que alimentava o pobre rapaz com uítils em geral e pelo vinho em particular.

— Eu não mífil dizer-lhes, meus senhores, que o *Pedro Garrafeira* de ha dez annos e o tio Pedro Renard são um e o mesmo individuo.

— Nessa epocha tinha eu os meus trinta annos; havia dous annos que me casara. A minha profissão posto que pouco rendia, dava, com o rendimento de umas terras que me legou meu pae, para vivermos. Teríamos sido muito felizes, se o nome não viesse desarranjar tudo.

— Amar-lhes como cheguei a amar a bebida, de modo que a não podia dispensar, não é coisa difficil. Todas as noites os meus camaradas costumavam tomar vinho branco e eu começava a trabalhar. Muitas vezes arrastavam-me ao jogo, faziam-me beber copos sobre copos, e por fim diziam-me: "Até amanhã!"

— Foi assim que me ensurram o caminho da taverna, e seguí-me bem as liegões dos mestres, que bem depressa fui em mim mesmo o exemplo.

— Finalmente, eu não via as consequências que me podia trazer essa inclinação.

— Comecei por abandonar o trabalho, e tantas fiz que ao fim de algum tempo apontavam-me a dedo e recusavam empregarme.

— Não devia ser uma liegão; eu porém não fiz caso. Passei os interiores na taverna, bebendo, jogando e espantando todos que me lançavam no rosto o mullito alcunha de *Pedro Garrafeira*.

— E ainda si fosse só isso!... Quando vinha para casa, a mim e as minhas eram mais vergonhosas. Si minha mulher me reprezender-me, injuriava-me e chogrei muitas vezes a dar-lhe sem dó nem piedade, como um animal que eu era.

— E todavia, meus senhores, eu não tinha mau coração.

— Mas quando a gente entrega-se á bebida, perde toda a especie de sentimentos, perde sobretudo a fôrça de se corrigir. Algumas vezes a minha consciencia se revoltava contra mim, nas horas bem raras! em que a minha razão não estava afogado no vinho.

— Nessas occasiões indignava-me contra o meu proceder; jurava não beber mais... Ora, juramentos de bebedeira!... No fim de alguns dias, quando não era no dia seguinte, começava de novo.

— Esta vida durou dous annos inteiros.

— Minha pobre mulher esgotára todos os meios possiveis para me fazer ao bom caminho; mas não conseguira nada. Nesse moito tempo nascera-me uma filha... uma filha linda como os anjos.

— Este facto deu-me que pensar. Vi nelle como uma advertencia de Deus. Pareceu-me que elle se servia desse meio para me corrigir, e que me dizia: "E' preciso que trabalhes para esta creacção! Vimos coragom!"

— Sim, mas onde achar trabalho? No burgo, era impossivel havia nã só habitante que se quizesse utilisar dos meus talentos. Tomei uma grande resolução.

— Eu não dizer nada á minha mulher, fui ter com o senhor cura; era um respeitavel padre que me havia muitas vezes exhortado a mudar de vida.

— Eu vello! recebo-me como a uma ovelha desgarrada, e todas as promessas, todas as atencões de um pae por mim doente. Quando elle viu que eu voltava a mim mesmo com a alegria, abraçou-me:

— Olla, Pedro, disse-me elle; juro curar-te!... sim, foi a vontade de Deus, essa. Enquanto não te abito de novo, viraes trabalhar todos os dias no meu jardim, entendes?

— Sim, senhor cura.

— E agora ouve-me hem. O que é que tu behes a beber?

— Vinho, senhor cura!

— Vinho, dizes tu? Muito bem!... E bebe muito não verdade?

— Só lá. Ha de andar por dias garrafas.

— Ah! e' preciso meleração. Promettes fazer o que te vou dizer?

— Sim, senhor cura, prometto.

— Espera-me ahi, que volto já.

O digno padre dirigio-se para o jardim.

— Alguns minutos depois, quando voltou, trazia na mão um saquinho.

— Pedro, disse-me o vello, vou impor-te uma grande penitencia, meu rapaz.

— Oh! senhor cura, nunca será demasiada!

— Quem sabe? disse elle sorrindo. Em primeiro lugar, não tomaras a por os pés na taverna.

— Oh! quanto á isso, senhor cura, pôde ficar descansado; prometto.

— Depois, continuará a beber, como até aqui, uma garrafa de vinho á comida.

— Memos até senhor cura.

— Olla te! Mas nota bem isto: has de pôr todos os dias na garrafa uma das pedras que estão neste saquinho.

— E hearei, bem?

— Completamente, contando que sigas á risca a minha receita.

— O senhor cura pôde ficar tranquillo.

— Quando o saquinho ficar vazio, has de dizer-m'o... Até amanhã, Pedro.

— Até amanhã, senhor cura, e muito obrigado.

— Voltando á casa, contei tudo á minha mulher, rindo-me das pedrinhas... do tamanho de nozes.

— O que mais lhes direi, meus senhores?... Durante um mez, eu tinha tanta vontade de me emendar! — seguí á risca a prescripção do bom padre, sem imaginar si quer onde elle queria chegar. Só quando a garrafa, cheia pelo meio de pedrinhas, conteve a metade do vinho, foi que comprehendí a idea do senhor cura. Graças á sua engenhosa astucia, estava curado... Diminuiu a minha razão, todos os dias, pouco a pouco, sem sentir, e contentava-me agora com o que não me bastaria um mez antes.

— Quando fui agradecer ao senhor cura, elle tomou-me a mão:

— Que isto te sirva de liegão, disse-me elle. Teus um filho a educar, Pedro. Lembra-te que, quando se tracta de um vicio enraizado, não se deve combatel-o de frente. O melhor é abstar o pouco a pouco, fazendo-lhe até certas concessões. E o vicio vai-se embora, quando menos por espirito de contradicção!

— E agora, meus senhores, acrescentou o tio Pedro, levantando-se da mesa, si bebo agua, é porque um dia, um dia só, tive uma recalcida e para punir-me quiz tirar ao meu inimigo todo a especie de poder. Jurei nunca mais beber vinho e estou muito disposto, como veem, a cumprir o meu juramento!

VII

— Conheces-me, meu charo Renato: sou pouco expansivo por natureza. Pois bem! não me pule ter que não desse a esse honrado aldeão um cordial aperto de mão.

— E' tão raro encontrar homens que tenham bastante humildade e franqueza para confessar os seus vicios, e sobretudo bastante fôrça de vontade para se emendar!

ROBERTO HYENSE.

A Exposição da Aademia

I

— Imaginou-se este anno a Exposição da Aademia de Bellas Artes com um cortejo de novidades e innovações, que applaudimos francamente e o qual se tornou fixo e inalteravel. Aludimos em primeiro lugar á excellente medida adoptada pela direcção da Aademia de cobrar uma taxa extremamente módica de cada visitante; essa taxa representa verdadeiramente um imposto sobre o gosto publico e a favor dos expositores, visto que o seu producto será applicado á acquisição dos melhores quadros e das melhores estatuas. Um dos beneficios effectos desta resolução, e a nosso ver não o dos menores, ahi está patente e incontestavel: astatua da Exposição essa legião de espiritos inferiores para os quaes a Arte em todas as suas manifestações é uma exercercencia e uma necessidade, digna da attenção do chefe de policia e de um termo de bem viver.

— Antiguamente, essa fracção do publico julgava-se com o direito de ir absterrecer-se para diante dos quadros; hoje, porém, a exigencia de dinheiro implica a exigencia de

estiva, e a Exposição está reduzido ao numero de adeptos e de adoradores com que realmente pôde contar, hoje, como em todos os annos.

— Temos outra innovação, merecedora dos maiores elogios, no catalogo illustrado do nosso amigo L. de Wilde: cabe-lhe o merito da prioridade, e o merito muito maior de ter conseguido de quasi todos os artistas os esboços dos seus quadros. Em honra sua, cumpre acrescentar que a edição do catalogo foi offerrecida á Aademia em proveito da exposição. Nem de todos se podem queixar os nossos artistas; ha ainda entre nós homens que os amam como elles querem e devem ser amados — com um espirito independente, com a indispensavel equidade, com um desinteresse profundo e raro.

— Queira, pois, a leitora dar-me o seu braço, e subamos, si lhe parece, ao primeiro andar. E' intencional o pedido: desde que entre os expositores figuram senhoras, é natural que V. Exa. deseje começar pelas representantes do seu sexo, que não se contenta às vezes com ser bello, e prova que tambem pôde ser tão forte, como esse outro que a si mesmo conferio esse epitheto.

— E, olhe V. Exa, temos aqui dous quadros da Exma Sra D. Abigail de Andrada: *O cesto das compras*, e *Objectos de toilette*. Que me diz V. Exa deste primeiro quadro? Quanto a mim, parece-me que temos diante de nós um pinor de muito talento: repare V. Exa para a justa disposição de todas estas cousas... aquella ave morta, de pernas encolhidas; o sambura, aquella carne... dous kilos; não são mais de dous kilos... a cebola; a abobora, que se vê mesmo a riravez da garrafa... uma garrafa de azeite, note-se... Mas sobretudo o troco!... Uma nota de quinhentos réis, alguns cobs e dous outros nickels, perfeitamente distinctos do cobre... Aquelle troco posto a um canto da mesa da cosinha, n'uma bella desordem, conta toda a philosophia do quadro e da vida; vê-se logo que estamos n'uma casa farta e honesta; não nos seria difficil traçar as physionomias de toda a familia e dizer quaes os seus gostos, qual a sua posição, quaes os seus habitos... Não insisto; vejo que V. Exa admira esta pequena tela tanto como eu; mas permitta-me que lhe observe que o caracteristico de todas as creações da Arte, verdadeiramente bellas, está em despertar no contemplador uma turbilhão de ideas, que não estão positivamente expressas, mas que estão na intenção do artista e para logo se communicam ao espirito do espectador. V. Exa naturalmente detesta a rhetorica, principalmente a rhetorica surrada dos momentos solennes; creia, porém, que a rhetorica tem seu sabor como o melão — em não se comendo todos os dias, e a toda hora; e sempre direi a V. Exa que aquella troca adoravel prova que a artista que o deo possui um saquinho de moedas de puro ouro, de ouro de lei, que certamente viremos a receber sob a fôrma de alguns bellos quadros.

— Este outro, *Objectos de toilette*, é bem pintado; as flores e as relucidas estão bem tratadas; estamos no *boudoir* de Luciola — de Senhora. Pôde-se dizer que estas flores tem perfume e creio mesmo que as luzes ainda transpiram o fino odor irrisivel da pelle branca da gentil senhora...

— V. Ex. vai chamar-me espirito prosaico, alna terrena e vil; confesso todavia, sem corar, que entre este *boudoir* elegante e aquella cosinha, eu prefiro sem a minima hesitação — a cosinha.

— Não faltam no *boudoir* os mil nadas gentis da feminilidade; ha porém em tudo isto alguma cousa de monotono e de banal que me intercepta inteiramente a intenção do artista. E' um quadro que eu não sinto.

— Aquí tem agora V. Exa. os quadros do Sr. Firmino Monteiro. São muitos, mas em compensação nem todos são bons. V. Ex. sabe que o Sr. Firmino Monteiro é o autor do conhecido quadro da *Fundação da cidade do Rio de Janeiro*, que é realmente bello e preoccupou singularmente o nosso publico. Terminado esse trabalho, o Sr. Firmino Monteiro partio para a Europa e acho que visitou os mais celebres museus. Esta visita despertou nelle o que chamaremos a vertigem dos mestres: o nosso artista ficou perplexo e irresoluto sobre o caminho que devia seguir e a isso talvez se deva essa porção de trabalhos tão diversos, que já estiveram expostos em casa do Pacheco.

— Do *Canhões no seu leito de morte* notaremos apenas que o misto do poeta, fallecido ha poucos instantes, está demasiado *frizante*. Eu não sou, minha senhora, nem medico nem enfermeiro; poucos pessoas tenho visto mortas; mas quer-me parecer que os pintores abusam extraordinariamente do amarello para os corpos mortos e do cor de rosa para os corpos vivos. Kufnia, pôde bem ser que erro seja meu e não delles.

— O *Ydrial*, um quadro dos costumes colonias e de pequenas dimensões, e feliz e bem executado: á rodada, a cortina vermelha, o rego, a taboa da passagem, tudo foi pintado com muito carinho; e a mão ser talvez a figura do trovador de esmola que podia ser mais fluminense, nada ha nesse trabalho do Sr. Firmino Monteiro que não mereça

três elegias. E' natural, pois, si o auctor paralisou estas genios, ás vezes aproveitados entre nós, acaba facilmente alcançan' o lugar de mestre, a que sem esforço e sem trabalho é o mais fácil.

Ha ainda varias possaçoes de zangão, quanto com as que se podem gastar bem dez minutos ou um quarto de hora, e um episodio da *Retirada da Laguna*, que seria melhor não ter posto lá. Abre a paragem, com o qual este filio, esta chavita não se exporá a alguma commoçao, nem fôlhamto nocivo. Si o poeta clama a clama, parece e morto a morrer a todos passos no meio da lucta e dá-se a isso a plebe, por exemplo. *Parado a lucta*, era de supor, que impressionasse, mais profundamente os leitores.

Ah! mas agora repito que são quatro volumes V. Ex. deseja talvez retirá-lo.

Até quarta-feira, minha senhora.

QUEBRAS

HIGH-LIFE

O Rio de Janeiro não se diverte: atordoa-se. E' um não acalhar de festas e regosijos! O meu canchinho está cheio de apontamentos: difficilmente poderei aproveitá-los todos numa ligeira chronica.

Principiemos pelos theatros, que andam agora *acceitados* por George Olmet e José Echegaray. Nem o *Mestre de forjas* no Lucinda nem o *Sergio Parise* no S. Luiz tiveram a felicidade de um bom desempenho. Os personagens de Olmet, e é esse o seu maior atractivo, primou por uma suprema elegancia, como o príncipe da *Miserte*; os nossos actores, francamente, é que não primam por essa condição inalienavel da boa arte dramatica. Por isso vimos no S. Luiz um príncipe que mais parecia um caseiro de armatinho aos domingos, e no Lucinda umas fidalgas que desmanchavam o effeito encantador, produzido pela sympathica patrona do theatro.

O *Amigo dos diabos*, apesar de ser uma comedia engracadissima, como as sabiam fazer de paravra Barroca e Thiboust, não conseguiu levar ao Recreio: mais unica enleante, o publico perdeu a occasião de apreciar um dos melhores trabalhos do Silva Pereira.

Um verdadeiro successo foi o *Príncipe Topazita*, a nova operetta de Millocker, que o Sr. Arthur Azevedo traduzio, o Sr. Heller montou e os artistas de Sant'Anna representaram perfeitamente.

O *libreto* faz rir sem recorrer a palhaçadas e *freccuras*, e a partitura contém trechos magnificos, que serão sempre ouvidos com muito prazer.

O maior acontecimento da quinzena foi, depois da abertura da exposiçao de pinturas e photographias, na Academia das Bellas Artes, o concerto que se realiso no Cassino Fluminense, sob os auspicios de S. A. a Sra. Condessa d'Eu e direcção de José White, em beneficio da infancia desamparada.

Todo o *high-life* concuriu a essa festa, que esteve esplendida, graças mais ao prestigio da nossa querida princeza do que ao desejo de inquntar a infancia.

Aig uns dias antes, ja o bello sexo havia dado o *reueiçous* no mesmo edificio, para assistir a *matinee* do egotista Beethoven, *matinée* que concilio com a de João Caetano em boa festa organizada pelo Sr. Vaques.

Em boa hora, digo, porque entre outras cousas, nos proporcionou o prazer de ouvir a Lucinda na *congressista*, de Fernando Cabreira.

A leitora estava lá? Não estava? Oh! não sabe o que perdeu!

O meu canchinho falla ainda de corridas de todo genero, ao que parece, o Club Olympico. Ganharam-se comegue sempre remir uma arelhançada selecta e elegante.

Ao que parece, sim, porque não foi ás corridas do Gummbarouse. Si en tivesse o dom da aliquidade...

Ainda não vi as formosas leitoras da *Estação* na Avenida... Mas pelo amor de Deus, minhas senhoras! não

imaginam a que é a *Faccora*, de Bernardelli, um pedaço de mármore que a todo o momento parece animar se, como Galateia. E o caso é que não faltam Pygmalioes, circundados por aquella belleza indigena!

Recomendo igualmente á attenção de minhas leitoras os trabalhos de uma senhora moça e bonita como suas excellencias: D. Algaud de Andrade, discipula do Sr. Angelo Agostini... que poderia tomar com ella algumas lições de desenho. Esse é o maior elogio que podia fazer a joven pintora.

E, para ser justo, rogu-lhes ainda que não passe por alto sobre os novos quadros de Pedro Americo, Driendel, Grimm, Pères, Amelio, Amendo, etc, etc.

No meio de algumas telas encontram-se igualmente algumas *croquis*, indignas de uma exposiçao séria; mas, depois da fusão da camera e do Secundo, toda a pronisicndade é permitida, mesmo fora da politica.

O nosso *salon* tem um caracter essencialmente egualitario.

Mas desculpenol-o, minhas senhoras, desculpenol-o: *il faut commencer pour finir*.

X. Y. Z.

AS NOSSAS GRAVURAS

A INFIDELIDADE CASTIGADA

Lysandro é homem que pode
Ser pelas dumas amado,
Sobretudo se ellas mesmas
Houverem no outono entrado.

Tem algumas cans, é certo,
Mas suppe a flor, que não dura,
Por aquelles dons de espirito,
Proprios da gente madura.

E não vale isso, e a perfeita
Razão, muito mais? Aceitasse
Que o coração deste amigo
Jamais, jamais envelhece.

Nem é delicto que um homem,
Ja fora da primavera,
Eras busque e os seus encantos,
E os encantos de Cythera.

Certo é que anda namorado;
Pintou-se e lá vai gumeinho
Dizer a certa senhora:
„Dou-lhe a vida e quanto tenho“!

Abre-lhe o criado a porta;
Penetra n'uma ante-sala,
Olha em roda, e só a vista
Toda a pessoa lhe abala.

Que vin elle? Reclinada
Em uma foia poltrona,
Dormindo tranquillamente,
Uma bella moçetona.

E' Belinda, a camareira
De Clélia; andava espumando,
E, de cansada, sentou se,
E foi no sonho pegando.

Como dorme! Na arandela
Puro leite e sangue estão;
Os crespos fios da testa
Confundiriam Platão.

Cava na porta do queixo,
Morada certa de amor,
E feita de tal maneira
Que veneria a Nestor.

Dessa como não profunde
Quando ella houver acordada.
Quem não for de pedra, fuja!
Ou fica petrificado.

Dorme e ri, sonhando Sonha
Que um certo Corydon (moço
Que ella ama) vem elogiando,
Todo amor, todo alvoroço.

Vem devagar, a beija-la...
Ella então pensa: „Fiquemos
Fiquemos bem quietinha,
E este beijinho acitemos“!

Triste illusão! Não é Corydon,
Não é um rapaz bojeiro,
E' uma planta do outono,
Frangalho de conselheiro.

Lysandro chega... Ah! pudesse
Bombar-lhe um bojeio! um bojeio!
Tudo, tudo se deliraça,
Para fartar o desejo.

Espieha os lábios, espieha...
Deixa, oh sonho, essa alma linda!
Não a enganes, foge, foge!
Acorda, acorda, Belinda!

Eil-o que sente na cara
Suave o bafejo dello,
Mais se inclina... De repente
Acorda e fogue-se a bella.

Como uma Nympha, entre os jasmis,
A's mãos de Fauno exquisito,
Assim Belinda desperta,
Levanta-se e solta um grão.

Lysandro rema, livado,
E cõra, pois a crenda
Nas repintadas bochechas
Prega-lhe uma bofetada!

Puncada de moça, é certo,
Que se disfarça com gelo;
Arde por fora, na cara,
Mas não penetra no peito.

Aqui poram deu-se um caso
Que veio augmentar a pena:
Houve dous olhos que viram
Toda aquella triste scena.

Viram chegar-se Lysandro,
Detur-se em frente á crenda,
Curvar-se, espiehar os lábios,
E molhar a bofetada.

Eram os olhos de Clélia,
A dama que elle namora,
Que espia pelas cortinas,
Espia, vê, bofeia e olha.

Sae-lhe ao encontro, e em tom
Diz-lhe muita coisa dura,
Chama-lhe perfido e todo,
Elle juru, elle trura...

Tudo vão! Clélia irritada,
Não contendo a raiva sua,
Rompe de todo com elle,
Mostra-lhe a porta da rua.

Sae o infeliz, que não sabe
Onde os tristes olhos pendão;
Viera buscar amores,
Volta cheio de vergonha.

LITTERATURA

O CASO DO ROMUALDO

(Continuação)

via a historia, D. Maria Soares concordou em com a amiga, em parte com o marido, posto realmente, só concordasse consigo mesma, e dilasse piamente que o maior desastre que podia ser a uma creatura humana, depois de uma noite de baile, era entrar-lhe em casa uma questão deellas.

Carlota tratou de provar que tinha razão em tudo, e parcialmente; e a viuva diante da ameaça de desastre, foi admittindo que sim, que afinal tinha toda a razão era ella, mas que o melhor era deixar andar o marido.

— E o melhor, Carlota; você não está certa de Pois então deixe-o andar... Vamos nós á rua Onvidor? ou vamos mais perto, um passeio...

Era um meio de acabar com o assumpto; Carlota então, D. Maria foi vestir-se, e dali a pouco saíram ambas. Vieram á rua do Onvidor, onde não é difficil e quequer o assumpto, e tudo acabou ou adiado. Contribuiu para isso o baile da vespera; a viuva aleaçon finalmente que fallassem das impressões trasidas, fallaram por muito tempo, e para não voltar logo para a loja, foram comprar alguma cousa a uma loja. Que nunca se soube claramente o que foi; ha mas para crer que foi um metro de fita, outros que dons, alguns opinam por uma duzia de... O unico ponto liquidado é que estiveram lá até quatro horas.

A voltar para casa, perto da rua Gonçalves Dias, Carlota disse precipitadamente á amiga:

— Lá está elle!
— Quem?
— O Romualdo.
— Onde está?

— E' aquelle de barbas grandes, que está coçando o queixo com a bengala, explicou a moça olhando para outra parte.

D. Maria Soares relanceou os olhos pelos grupos, e viu o Romualdo. Não occultou a impressão; confessou que era, na verdade, um sujeito pathico; podia ser triumpho, em politica; em amor, não ser carta branca. Mas, além de antipathico, tinha um certo ar de matuto, que não convidava a mallo. Ellas foram andando, e não escaparam ao Romualdo, que viu Carlota e veio cumprimental-a, affectuoso, posto que tambem acanhado; perguntou-lhe pelo marido, e se ia naquella noite ao baile, disse-lhe que o dia estava fresco, que tinha visto umas caras combeidas de Carlota, e que a rua parecia muito animada naquella dia do que na vespera. Carlota foi respondendo com palavras frõxa, entre outras.

— Exagerei? perguntou ella á viuva no *lond*.
— Qual exageraste! o sujeito é insupportavel, não te achas a viuva; mas, Carlota, não te achas razão na tua raça. Pareces criança! Um sujeito assim não faz pagar ninguém. A gente ouve o que elle diz, não responde nada, ou falla do sol e da lua, e está a rir; é até um divertimento. Já tive muitos do mesmo genero...

— Sim, mas não tens um marido que...
— Não tenho, mas tive; o Alberto era do mesmo genero; eu é que não brigava, nem lhe revelava nada; ria-me. Faz a mesma cousa; vae rindo...

Realmente, o sujeito tem um olhar espantado, e quando sorri fica mesmo com uma cara de poucos amigos; parece que serio é menos carramento.

— E é...
— Bem vi que era. Ora zangar-se a gente por tão pouca coisa! Demais, elle não vae embora esta semana? Que te custa supportal-o?

D. Maria Soares tinha applacado inteiramente a amiga; enfim, o tempo e a rua perfizeram a melhor parte da obra. Para o fim da viagem, riam ambas, não só da figura do Romualdo, mas tambem das palavras que elle dixeram a Carlota, as taes palavras atrevidas, que não poulo aqui por não haver noticia exacta dellas; esta, porém, confion-as á viuva, não as tendo dito ao marido. A viuva opinou que ellas eram menos atrevidas que burlescas. E ditas por elle deviam ser ainda piores. Era moniz esta viuva, e amiga de rir e brincar como se tivesse vinte annos.

A verdade é que Carlota voltou para casa tranquilla, e disposta ao banquete. Vieira que esperava a continuação da luta, não ponde encobrir o contentamento de a ver mudada. Confessou que ella tinha razão em mortificar-se, e que elle, se não estivessem as cousas em andamento, abria mão da vaidaditura; já o não podia fazer sem escandalo.

Chegou o dia da jantar, que foi esplendido, assistindo a elle varios personagens politicos e outros. De senhoras, apenas duas, Carlota e D. Maria Soares. Um dos brindes de Romualdo foi feito a ella; — um longo dissenso, arrastado, cantado, assoprado, cheio de *anjos*, de um ou dons *sacrarivos*, de *caras esposas*, acabando tudo por um *comprimento ao nosso venturoso amigo*. Vieira interiormente, mandou-o ao diabo; mas, levantou o copo e agradeceu sorrindo.

Dias depois, seguia Romualdo para o Norte. A noite da vespera foi passada em casa do Vieira, que se desfez em demonstrações de apparente consideração. De manhã, levantou-se este ceilo para ir a bordo, acompanhado-o; recebeu muitos cumprimentos para a mulher, á despedida, e prometten que dali a pouco iria ter com elle. O aperto de mão foi significativo; um tremida de esperanças, outro de saudades, ambos pareciam pôr naquella arranco final todo o coração, e pinham tão somente o interesse, — ou de amor ou de politica, — mas o velho interesse, tão amigo da gente e tão callumniado.

(Continua.)

MACHADO DE ASSIS.

POESIA

VERTIGEM

Sois, meus poemas, rutilas correntes,
Com que em vos eu prendia os seus sonnetos,
E em danças doudas, lubricas, eudentes
Via-vos sempre em serpenjantes côcos.

Queimava no pé de vós cheirosos tôros,
Pelas noites profundas e silentos,
Para vir um sorriso entre os seus dentes,
E ouvir dizer a sua bocca: adoro-os.

Parecia que Deus vinha applaudil-os
Ás portas dos seus dons olhos tranquillios,
E dizer-me: que Deus és tu? queo és?

Eu sou, lhe respondia, e os universos,
E os sons, que erio, em turbilhão de versos,
Fapo-os ralar na curva dos seus pés.

LUZ DELFINO.

HIGH-LIFE

Talvez seja inconveniente falar de Club Beethoven ás leitoras da *Estacão*. Esse arrojado da arte é valado no bello sexo, e o bello sexo tem o direito de antipathisar com essa exclusão absurda.

Mas como se aproxima o dia do grande concerto annual que o Club costuma a offerecer a audios os sores fallando do 53º concerto, redidido a 19 no palatete da rua da Gloria.

As leoras da noite dividiram-se entre o Sr. João Claves que cantou com muita graça uma aria da *Cóserentola*, e o Sr. Dr. Galofredo Leão Velloso, que interpretou perfeitamente a *Mignon's Lied* e a *Melodie Hingroise*, de Lizt.

Os artistas e amadores habituaes portarau-se discretamente: a *Fantasia Militaire*, de Leonard, teve que ser bisada pelo Sr. Otto Beck, eo *Capriccio*, de Hermann. (Não confundir com a das pelotias) foi bem comprehendido pelos tres violinos profictos do Beethoven; Berk, Bey unia e Bernardelli.

Finalmente, seria uma noite completa, si não faltassem... as senhoras.

E quando vossas excellencias faltam, falta tudo!

*

O Sr. Hermann, (Não confundir com o do *Capriccio*) teve a inspiração de nos trazer uma companhia dramatica franceza, que nos trou dado o *Maître de forges*, *Frou-Frou*, a *Faustoyante* e *Mr. Aphonse*.

De todas essas representações têm se destacado dons artistas de verdadeiro merito: Mme. Antrini e Mr. Nersant.

Não quer isto dizer que os demais actores não sejam dignos de menção. Ao contrario: todos elles secundam regularmente as duas figuras principais. Nem é razoavel pretender que uma companhia seja inteiramente composta de metabilidades.

*

A *gravel attention* theatral é o Lucinda — ou antes — a Lucinda.

A festejada atriz portugueza voltou-nos mais baroneza d'Ange que nunca. E admiravel a correção com que Lucinda representa esse papel, e o colorido que lhe dá, e a distincção com que o attenua, e a inflexão, e o gesto, e o olhar penetrante e malicioso.

Decididamente o *Demi-monde* é o mais brilhante florão da coroa artistica de Lucinda. E ao Fartado poucos poderão exceder a'quelle sympathico Olivier de Jalin.

*

Prepara-se para o beneficio da baroneza d'Ange a sempiterna *Dama das Caveiras*. Critica de palhite: Os tres primeiros actos soberbos, o quarto soffivel, o quinto?... Que será o quinto?... A Lucinda vae jogar uma carta muito arriscada: ella é grande, é enorme na comedia, — o drama pôde pegar lhe alguma. Entim, *qui vivra terra*.

*

A garganta do Sr. Pallero tem estado um dinheirão ao Sr. Heller. Uma constipação deste gracioso barytono interrompeu a carreira da *D. Janita*; agora é o *Príncipe Teoperto* que soffre as consequencias do ar encumado que o Sr. Pallero apañhou uma das noites passadas.

Triste condição a do empregario, cuja boa ou má fortuna está a mercê do bom ou mau estado de saude de outro homem!

Paciência, Sr. Heller; paciência... e xarope.

*

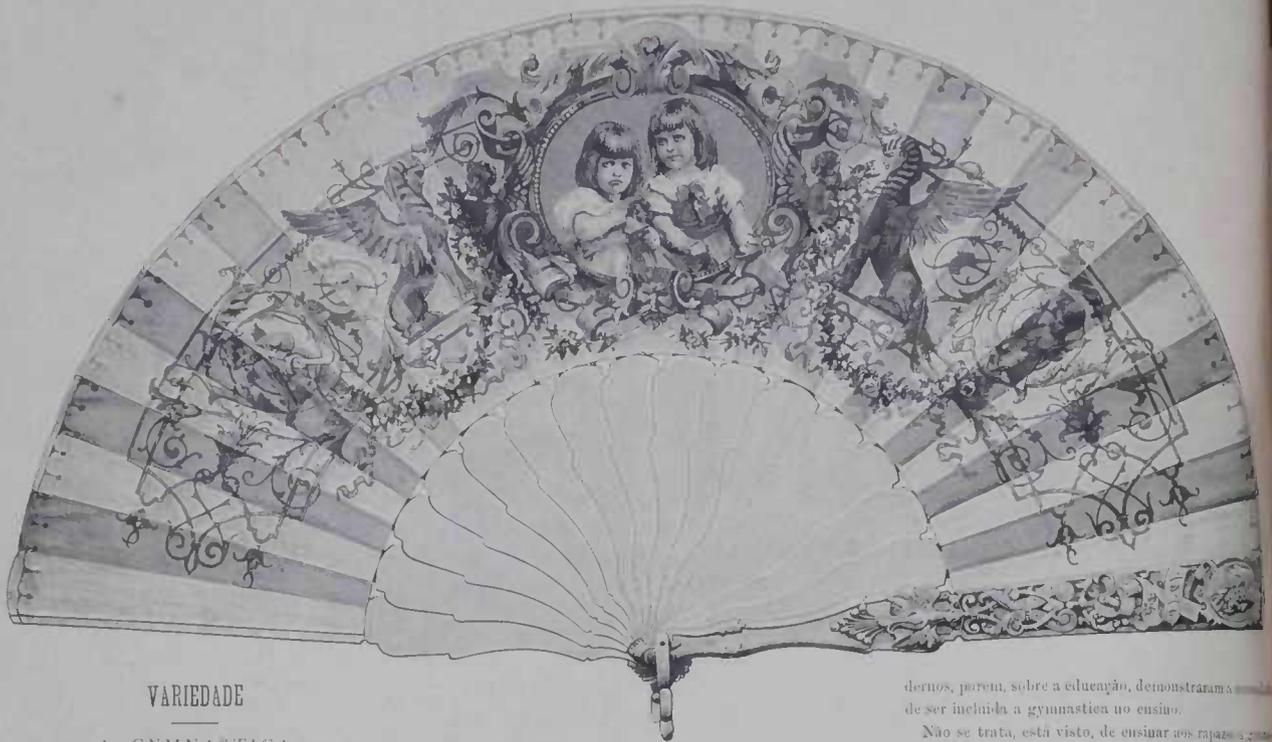
No Polytheama passa-se uma noite divertida a ver *Uma no te em Pekin*, e os admiraveis e estramboticos pulas e cantos da familia Nelson.

O Sr. Samuel Nelson, ditoso chefe desta tribu demoinhada, carrega as costas a sua numerosa familia, o que a muitos succede por figura de rhetorica e tora do Polytheama.

Decididamente este Nelson, tão glorioso como o seu homonymo do aluinhantado inglez, tem o seu Trafulgar ao Lavradio.

Que lhe faça muito bom proveito.

X. Y. Z.



VARIEDADE

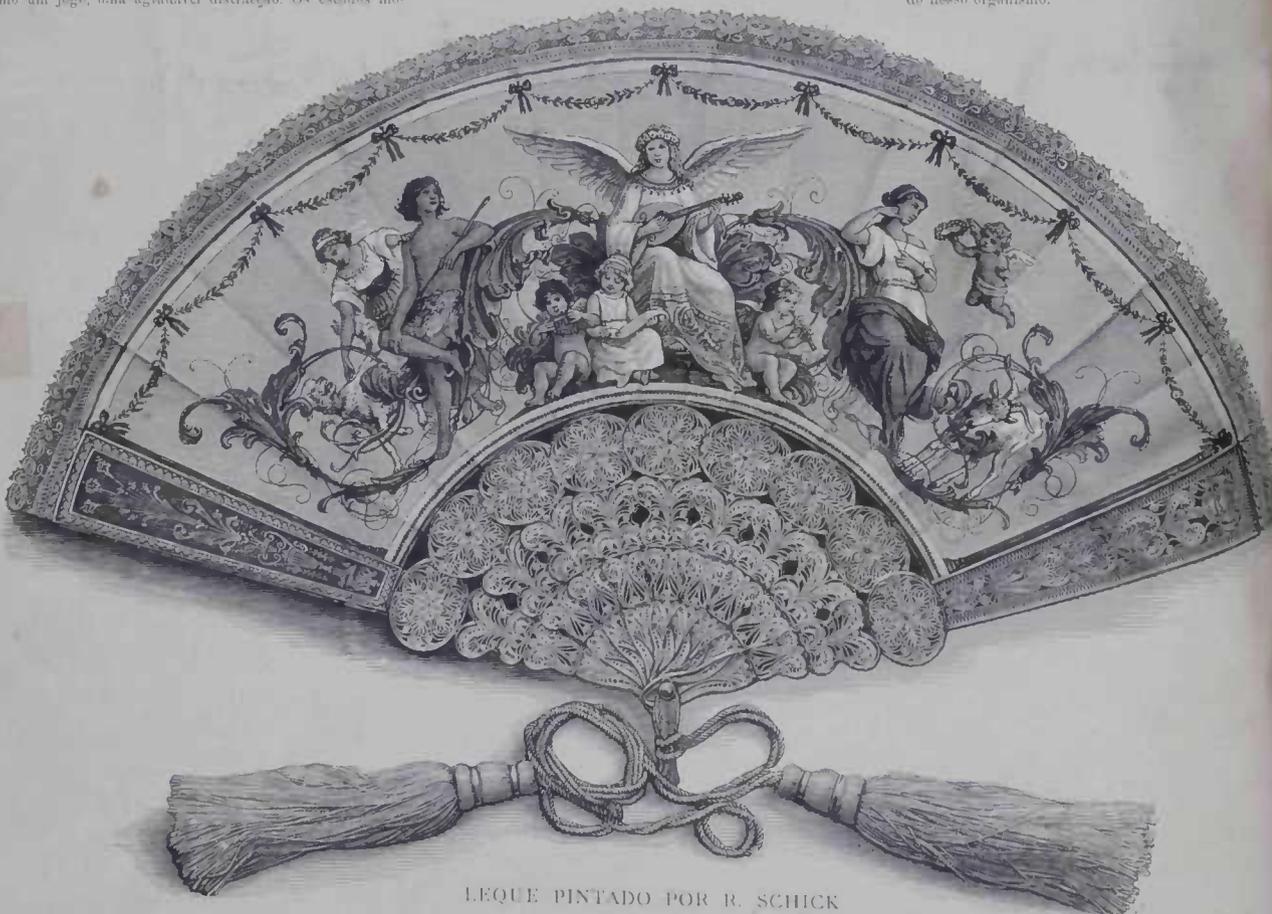
A GYMNASTICA

Até ha bem poucos annos era a Gymnastica considerada como um jogo, uma agradável distracção. Os estados mo-

LEQUE PINTADO POR A. WERNER.

dernos, porém, sobre a educaçáo, demonstraram a necessidade de ser incluída a gymnastica no ensino.

Não se trata, está visto, de ensinar aos rapazes a gymnastica aerobatica, seria isso ridiculo, porém sim a gymnastica racional, enjos exercicios sejam proprios do organo do nosso organismo.

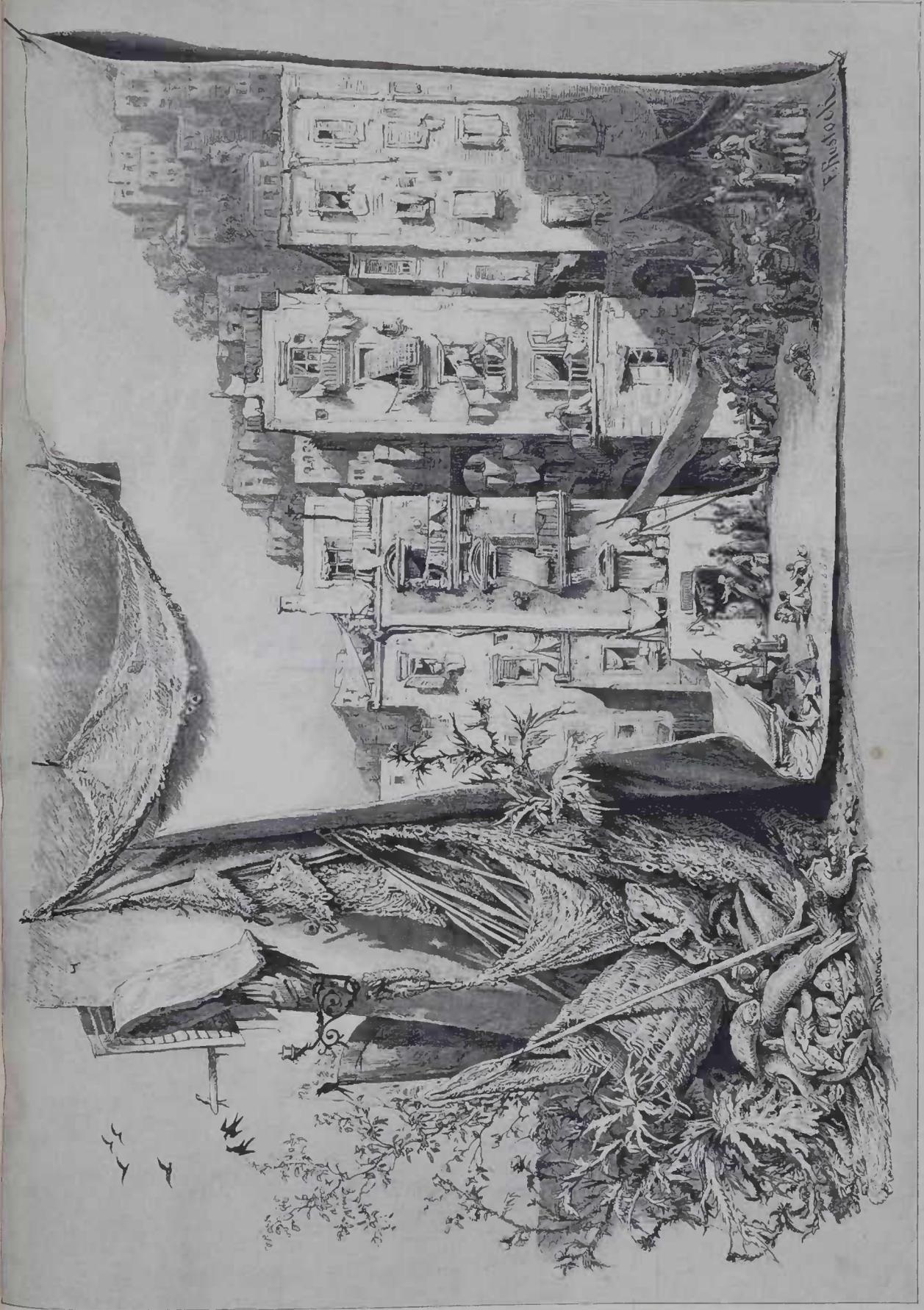


LEQUE PINTADO POR R. SCHICK

A gymnastica racionalizada convém aos dois sexos, e todas as idades, e todas as condições e posições, é o verdadeiro remédio contra a inercia, caso não tão frequente entre nós, que a todos alunos, liberos, mulheres, vellos e moços.

Nas occupações que exigem esforços musculares, muitas pessoas pensam que esses esforços constituem gymnastica. E' erro grave, por quanto em geral esses esforços musculares são exclusivamente de uma parte do corpo, resultando d'elles

o desenvolvimento d'essa parte, e não das outras. Só a gymnastica pode estabelecer a harmonia e a proporção, e, porém, sobretudo para as pessoas de constituição fraca que a gymnastica se torna indispensavel.



SANTA LUCIA. — NAPOLES.

